

**A BIBLIOTECA PARTICULAR DE FORMAÇÃO LEITORA DE  
ELIANA MARTINS NO LIVRO INFANTOJUVENIL *O  
PROFESSOR DE PORTUGUÊS ENLOUQUECEU DE VEZ!***

**THE PRIVATE LIBRARY FOR READING TRAINING BY ELIANA  
MARTINS IN THE CHILDREN'S BOOK *O PROFESSOR DE  
PORTUGUÊS ENLOUQUECEU DE VEZ!***

Jane Adriane GANDRA\*

<https://orcid.org/0000-0001-7400-1610>

Nismária Alves DAVID\*\*

<https://orcid.org/0000-0001-5278-4888>

**Resumo:** Em seu livro *O professor de português enlouqueceu de vez!*, a escritora Eliana Martins oferece uma interessante experiência de leitura que reúne a presença da metaficção e do jogo intertextual. A partir dessa constatação, com base em teóricos como Julia Kristeva (1974), Jenny Laurent (1979), Gérard Genette (2006; 2009) e Tiphaine Samoyault (2008), este trabalho pretende abordar esses dois aspectos principais que se destacam no enredo. Como metodologia, utilizou-se o método qualitativo, por meio da revisão analítico-bibliográfica. Ao recorrer à metalinguagem e à intertextualidade, nota-se uma narrativa que traz a preocupação com a formação do público leitor infantil e juvenil, no sentido de ampliar o seu repertório literário por motivar a curiosidade e as descobertas de novos livros e personagens, principalmente por reconhecer a necessidade do estabelecimento das relações com outros textos de diversos contextos culturais. Conclui-se que Martins reproduz a dinâmica do jogo *Caia fora se puder* como se fosse o processo da leitura literária. Desse modo, por intermédio da ludicidade, personagens e o leitor dessa obra de Eliana Martins são imersos, ao mesmo tempo, no jogo e na esfera ficcional. Verifica-se, então, que a intenção da escritora é estabelecer que a leitura e o jogo requerem a participação ativa de quem lê, favorecendo as descobertas e o conhecimento, além, é claro, de entreter e viabilizar a apreciação estética.

**Palavras-chave:** Leitura; Leitor; Intertextualidade; Metaficção; Paratexto.

**Abstract:** In her work *O professor de português enlouqueceu de vez!*, the writer Eliana Martins offers an interesting reading experience that brings together the presence of metafiction and intertextual play. From this observation, based on theorists such as Julia Kristeva (1974), Jenny Laurent (1979), Gérard Genette (2006; 2009) and Tiphaine Samoyault (2008), this paper intends to address these two main aspects that stand out in the plot. As a methodology, the qualitative method was used through analytical-bibliographical review. By resorting to metalanguage and intertextuality, it is noted a narrative that is concerned with the formation of children and young readers, with the aim of expanding their literary repertoire by motivating curiosity and discoveries of new books and characters, mainly by recognize the need to establish relationships with other

---

\*Doutora em Letras pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Letras da Unidade Universitária de Pires do Rio e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (Poslli) do Câmpus Cora Coralina. E-mail: jane.gandra@ueg.br

\*\*Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor Adjunto da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Letras da Unidade Universitária de Pires do Rio e no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (Poslli) do Câmpus Cora Coralina. E-mail: nismaria.david@ueg.br

texts from different cultural contexts. It is concluded, therefore, that Martins reproduces the dynamics of the game *Caia fora se puder* as if it were the process of literary reading. In this way, through playfulness, characters and the reader of this work by Eliana Martins are immersed, at the same time, in the game and in the fictional sphere. It can be seen, then, that the writer's intention is to establish that reading as a game requires the active participation of those who read, favoring discoveries and knowledge, in addition, of course, to entertaining and enabling aesthetic appreciation.

**Keywords:** Reading; Reader; Intertextuality; Metafiction; Paratext.

## Introdução

*Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido.*

(Marcel Proust)

A epígrafe escolhida para a abertura desse texto revela o fascínio de Proust pela leitura literária. Parece que, mais do que uma simples distração, ler lhe possibilitava ter a sensação de viver em mundos paralelos e, ao término de toda história, surgia sempre a vontade de saber mais sobre o destino das personagens e continuar atrelado àquela experiência estética. Para Proust, a inclinação pelos livros desperta uma paixão que, iniciada pela afinidade, torna-se mais forte e presente quando se ausenta da leitura deles. Nessa mesma obra, intitulada *Sobre a leitura*, Proust adverte que a intimidade e a constante companhia com os livros se dão à medida que a perspicácia do leitor aumenta. Desse modo, ler amplia a inteligência humana e esta, por seu turno, provoca mais a busca pelo conhecimento.

Conectadas também estão a leitura e a escrita: ambas são habilidades imprescindíveis para o desenvolvimento pessoal e a interação do sujeito com a outriedade. No entanto, no contexto escolar, essas duas práticas comunicacionais apresentam enormes fragilidades de domínio dos alunos. Para Betina Schuler (2024), a escola deve descobrir novos caminhos que permitam o encontro do educando com a autonomia no ato de escrever e ler, uma vez que essas habilidades comunicativas são necessárias para a aquisição do legado cultural, bem como estimula a criticidade e a inventividade e viabiliza a apreensão do mundo, particularmente quando são leitores iniciantes.

Em um presente de tanta pobreza narrativa e de elogio ao espetáculo do marketing, talvez a leitura e a escrita demandem outra temporalidade, outra relação consigo e com o outro, quando assumida em seu funcionamento de

transmissão cultural, de apresentação do mundo às crianças e jovens e de potencialização do pensamento e da vida (Schuler, 2024, p.4).

Contudo, Schuler (2024) considera que a escola não avançou, mesmo com a era digital, pois continua tradicionalmente vinculada a métodos que valorizam somente o domínio das técnicas de ler e escrever, sem se preocupar em estabelecer qualquer relação com as práticas sociais dessas competências comunicativas. Schuler ainda destaca que deve haver uma oposição à “pedagogia do entretenimento e do marketing” e promover uma pedagogia preocupada com a leitura e a escrita, de modo que ocorra a potencialidade da capacidade intelectual, da ética, da estética e do senso político do aluno. Para a pesquisadora, é primordial que os professores do momento incentivem a arte retórica, por meio da discussão, do estudo permanente e do questionamento. A estudiosa conclui suas proposições, enfatizando sobre a necessidade de um arranjo entre ensino e parrésia<sup>1</sup> para que se alcance a formação de “sujeitos políticos a se constituírem como sujeitos éticos, capazes de se arriscar, de melhor viver para si e para os demais no espaço coletivo, público” (Schuler, 2024, p. 6).

No entanto, de nada adianta existir o livro e não haver um leitor capaz de decifrar as suas chaves interpretativas. Delia Lerner (2002) aborda que uma das variantes para justificar a ausência de intimidade com a leitura é a retirada, a todo instante, da autonomia leitora do aluno no espaço escolar. A centralidade do professor na posição de determinar o que ler, como ler e quando ler tem produzido leitores, paulatinamente, mais dependentes e desmotivados. Contudo, é possível reverter esse quadro, se a escola empreender uma série de estratégias que envolva a cooperação entre os educandos e incentive a ação individual do aluno em atividades leitoras. Para tanto, primeiramente, o educando deve se responsabilizar, expondo a sua compreensão textual em relação à interpretação de colegas; empreender a leitura de histórias para outras crianças; questionar a veracidade da narrativa; discernir sobre as ironias textuais e os seus propósitos, dentre outras ações. Lerner, por fim, avalia que “restituir aos alunos a responsabilidade como leitores é um grande desafio” (Lerner, 2002, s.p) e, por isso, deve ser uma preocupação diária e permanente de pais, professores e bibliotecários.

A crise de leitura se intensifica quando se constata haver, cada vez mais, uma tendência de o leitor optar por conteúdos supérfluos e que sejam, preferencialmente,

---

<sup>1</sup> “Direito de falar, o direito de tomar publicamente a palavra, de dizer a sua palavra, de certo modo, para exprimir a sua opinião numa ordem de coisas que interessam a cidade” (Eurípedes, 2011, p. 31 *apud*, Schuler, 2024, p. 6).

curtos e de fácil compreensão, não exigindo dele uma interpretação complexa. O importante estudo de Maryanne Wolf (2019), por meio de nove cartas dirigidas ao leitor, reflete sobre as mudanças relacionadas à leitura e ao cérebro humano, que sofreram transformações consideráveis com o advento da internet e dos recursos digitais. Wolf (2019) entende que a frequência de leitura de telas e a prática de se informar pelas redes sociais alteraram a percepção e o pensamento do indivíduo contemporâneo. A atenção, principalmente do jovem, está progressivamente mais distraída, devido aos múltiplos estímulos, que não são consolidados e apreendidos como conhecimento: “Isso significa que o próprio fundamento de sua capacidade para derivar analogias e inferências durante a leitura será cada vez menos desenvolvido” (Wolf, 2019, p. 12). Os seus resultados demonstram que a nova geração lê, mas eles se dedicam a leituras informacionais, desconhecendo e negligenciando os reais benefícios do exercício da leitura formativa.

Dessa maneira, o cenário de leitura tem sofrido transformações consideráveis. Percebe-se que há um imediatismo pela informação, sem que haja foco na formação. Um dos textos mais importantes de Antonio Candido, *A literatura e a formação do homem*, enfatiza a importância da “literatura como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (Candido, 1991, p. 03). Rildo Cosson, alinhado às mesmas ideias, ressalta que o convívio constante com a literatura permite que o leitor conheça situações da vida por meio da experiência da personagem, inclusive, possibilitando vivenciá-las de maneira hipotética:

A ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto na linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos (Cosson, 2014, p. 17).

O frequente contato com a leitura literária, que é repleta de conhecimentos sobre a humanidade e sobre o mundo, possibilita que o leitor vá se tornando capaz de lidar com o contraditório, desenvolvendo habilidade crítica e um caráter humanizador.

É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade de leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto. O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário (Cosson, 2014, p. 22).

Contraditoriamente, embora a literatura seja trabalhada no ambiente escolar de maneira técnica, fraturada e isolada e haja, cada vez menos, assiduidade no manejo do livro por jovens leitores, Regina Zilberman esclarece que houve uma ampliação na criação e oferta de exemplares, particularmente, em relação à literatura infanto-juvenil:

Os sinais mais evidentes do fenômeno são verificáveis na literatura infantil, gênero que tem estimulado grandes investimentos por parte da indústria de livros através do lançamento de coleções originais para crianças e jovens, promoção de novos escritores e reedição de textos clássicos, iniciativas todas que vêm obtendo grande sucesso (Zilberman, 2012, p. 15).

A modernização das publicações, justamente no que se refere à materialidade do livro e aos elementos paratextuais, como capas mais chamativas e interativas, tornou-se um mercado editorial promissor. Mesmo assim, parece que o público infantil e juvenil tem preferido as ferramentas digitais como passatempo.

Diante desse panorama, ser escritor de literatura para crianças e jovens parece ser uma atividade duplamente árdua. Isto porque ele deve realizar uma composição que revele criatividade literária e qualidade estética e ainda consiga entreter e atender as necessidades de formação do jovem leitor na era digital. Lígia Cademartori reitera tal opinião quando notabiliza que: “no livro infantil se desenha nosso sonho de infância, ou, noutro extremo, predomina o intuito de formação, ganha forma a concepção racional e ideológica do que o adulto pensa ou deva fazer parte dos conceitos a serem adquiridos na infância” (Cademartori, 2010, p. 13).

Como afirmado, além de atingir esses horizontes de metas, o autor de obras infantis e juvenis precisa se preocupar com a recepção leitora, criando um livro atrativo e interessante, que suscite o interesse e prenda a atenção da nova geração. Nessa direção, Eliana Martins elabora uma obra que mistura a temática da leitura literária no formato interativo do jogo.

Esteticamente, esta obra é uma narrativa de cunho metaficcional, cujo reconhecimento se faz quando a autoria do livro é exercida por uma personagem-escritora, no uso do discurso em primeira pessoa. Importante dizer que, no momento da escrita do livro, esse narrador-adulto tem a projeção na memória da experiência não leitora na adolescência e, por isso, consegue organizar progressivamente os acontecimentos, preenchendo com a ficção os episódios fragmentados.

Martins, por trás desse alter ego, empenha-se na construção de uma efabulação em consonância ao nível de atenção e interesse do público infantil e juvenil, com a presença de narração e diálogos das personagens com expressividade coloquial, uso de gírias, expressões idiomáticas, como “ti-ti-ti” e “livros pra burro” (Martins, 2022, p. 22), e, até mesmo, de grafias reduzidas de palavras, própria do vocabulário imediatista e dinâmico do universo juvenil, como “nessa noia”, “Só que não”, “sanduba” (Martins, 2022, p. 49) e “dá um tilt” (Martins, 2022, p.50). Os capítulos, no início do livro, são curtos, mas vão se ampliando com a apresentação intertextual de fragmentos de obras de outros escritores, acompanhando a mudança dos adolescentes que, agora, mais familiarizados com a leitura, são transformados psicoafetivamente.

Outro destaque a se fazer dessa obra é em relação à ilustração que é baseada no jogo de sombra e luz, dando um viés *dark* ao livro, substanciando o caráter de mistério e de suspense do jogo sobre leituras. Dessa forma, provoca a experiência sinestésica do leitor como se ele estivesse preso ao ambiente desconhecido do jogo.

A autora gradativamente promove a iniciação do leitor no campo literário, evocando obras que, no conjunto, remetem à diversidade do público-alvo – indo desde literatura infantil, passando pelo gosto juvenil e citando também obras destinadas aos adultos. No que se refere aos autores das publicações reunidas no livro, Eliana Martins cita desde clássicos, como Dante Alighieri, Shakespeare e Luís de Camões, até algumas publicações recentes de novos escritores. Além disso, oportuniza ao leitor juvenil conhecer as histórias dessas obras sob o formato de romance, poesia e conto.

O enredo desse livro centra-se na experiência de cinco alunos, que são instigados a jogar um *game* sobre enigmas e desafios referentes à literatura, depois que o professor de português se irrita profundamente ao descobrir o plágio na atividade de leitura.

A estratégia, aparentemente punitiva, escolhida pelo professor é a inserção desse grupo no universo do jogo, denominado *Caia fora se puder*, remetendo ao contexto dos jogos interativos que requer a participação ativa dos integrantes, em substituição à apatia que eles demonstravam durante as aulas de língua portuguesa e literatura. O jogo traz, ao mesmo tempo, as ideias de desafio e de condição, requerendo que os participantes busquem a oportunidade e/ou adquiram a capacidade interpretativa para se tornarem vencedores.

#### **A excentricidade na nomenclatura das personagens:**

Desde a sua estreia, em 1990, com a obra *Bate-boca no canteiro... a minhoca viu primeiro*, Eliana Martins assinou quase uma centena de publicações por diversas editoras, entre histórias de criação própria, adaptações de clássicos, peças teatrais e roteiros para programas televisivos, sempre direcionadas ao público infantil e juvenil. No conjunto de sua obra, parece ser outra tendência estética da escritora a invenção de nomes exóticos para as suas personagens, como a protagonista, do livro *A vizinha antipática que sabia matemática* (2014), Dona Malu Quete; a saga da família Carrapatoso; o professor Abelardo de Matos Quela e os Necadepitibiribas em *O professor de português enlouqueceu de vez!* (2022), livro em análise.

Logo no primeiro capítulo, há a apresentação inicial das personagens, construindo um nítido confronto de gerações: de um lado, o grupo de jovens não leitores; e, de outro lado, o professor de literatura inconformado com o insucesso de leitura desses alunos.

Ainda, subentende-se uma convocação do leitor para participar do desafio juntamente com as personagens/jogadoras: Inácio Flores, mais conhecido como Nacho, que se apresenta como narrador da história, Miguel Lamana, Dante, Soraia e Carminha. Segundo o próprio narrador, os Necadepitibiribas (os Necas), nome que é formado pela locução “neca de pitibiriba”, regionalismo informal que significa “absolutamente nada”, para se referir ao descomprometimento deles, eram aqueles que odiavam ler e, por isso, consideravam-se “um amor de família” (Martins, 2022, p. 11). Somente o leitor mais experimentado pela leitura percebe no título desse capítulo, cujo homônimo é uma obra de Ziraldo, a ironia na voz narrativa. Na verdade, o que se quer ressaltar é uma adesão forçada pela esfera negativa, pois os Necas eram unidos familiarmente por seus fracassos escolares e pela antipatia que sentiam pela leitura.

Cada um desses jovens apresenta uma personalidade distinta e representativa de algum complexo adolescente ou dificuldade existencial e/ou familiar. Miguel, por exemplo, tem problema com sua imagem por ser muito pequeno para a sua idade. Já Carmen traz consigo o sentimento de orfandade, uma vez que é criada na cidade por uma funcionária dos pais, que residem na fazenda. O espelhamento distorcido de seus corpos ou a melancolia que sentem devido ao abandono que sofrem pelos adultos são adversidades experienciadas por muitos na puberdade.

No desenvolver da trama, os cinco colegas vão se identificando com os conflitos passados pelas personagens das obras lidas durante o jogo. De acordo com Ana Maria Machado (2002), a leitura do objeto literário permite ao leitor envolver-se com o contexto ficcional de determinada personagem e dele tirar algum proveito: “É um transporte para

o outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de um outro, e passa a ser alguém que ele não é no mundo cotidiano” (Machado, 2002, p. 77). Desse modo, na ficção em revista configura-se uma representação da experiência humana, sendo inegável que há uma identificação em cadeia entre o público-alvo deste livro de Eliana Martins com as suas personagens e destas com os protagonistas dos livros apresentados nos desafios do *game*. No enredo, a leitura de partes significativas das obras recomendadas e a sua socialização no grupo promove a superação dos traumas e das dificuldades dos integrantes. Preconiza-se, a partir disso, outro viés da literatura é que esta pode ter o poder curativo.

Como se nota, o protagonismo da história fica a cargo dos Necas. Contudo, o professor Abelardo de Matos Quela, cujo nome aparece no título da narrativa, detém uma importante atuação para a transformação das personagens adolescentes. A sua descrição associada à imagem veiculada na capa do livro remete o leitor às ideias de sabedoria, quando aproximada ao desenho de uma coruja, mas também de uma pessoa que se encontra sob alerta e muita tensão, conforme a gravura disponibilizada. O contexto vislumbrado é tão caótico para o professor Matos Quela que, até mesmo, a escrita do título aparece desconfigurada como se nota na grafia da palavra “PORTUGUÊS”.

Figura 1: A capa do livro

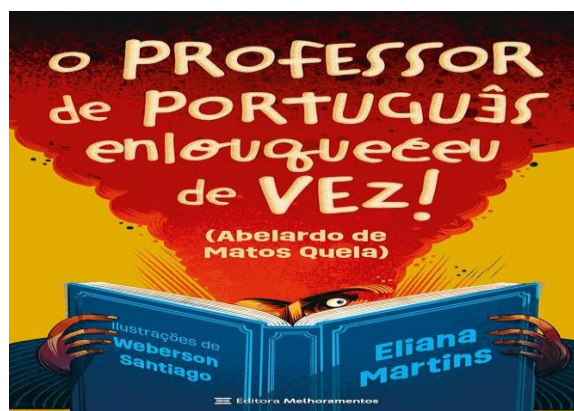


Foto: Ilustração de Weberson Santiago. Fonte: Editora Melhoramentos.

O nome do professor, ao ser lido, sonoramente, constitui o termo informal “matusquela” que significa amalucado. Na verdade, já antecipa a sua ousadia ao propor o jogo como uma verdadeira armadilha com o propósito de envolver os alunos no mundo dos livros e na prática da leitura.

A figura do professor é impactante. Tomado de cólera, ele desabafa como sendo um “fracassado” e um “condenado” (Martins, 2022, p. 8), diante do desinteresse literário de seus alunos. Ao mesmo tempo, fala de seu amor pelo trabalho de ministrar aulas e pela escola, bem como o valor da leitura para o conhecimento e a liberdade.

### A biblioteca de Eliana Martins e o intertexto

No livro de Eliana Martins, há uma variedade de citações de autorias e de obras, com o intuito de ampliar o repertório literário do leitor juvenil. O jogo *Caia fora se puder* é uma metáfora para a leitura do livro e, se o leitor não encontra a chave interpretativa da obra, ele fica estagnado, sem alcançar o conhecimento. A todo momento na narrativa, há convites para a participação ativa na decifração de enigmas e desafios por meio de fragmentos literários no ambiente do jogo. Nesse sentido, a leitura também é vista como um jogo interativo entre o leitor e o autor. Assim, para dar início ao *game Caia fora se puder*, a primeira medida tomada pelos adultos foi a recolha dos celulares do grupo. Isso expressa o necessário isolamento do mundo exterior, a fim de que fosse possível a completa imersão dos alunos naquela experiência.

Várias referências de escritores clássicos aparecem no livro como, por exemplo, a célebre frase shakespeariana “ser ou não ser, eis a questão” (Martins, 2022, p. 16), as quais levam à curiosidade leitora de saber mais sobre as circunstâncias da história e acerca da autoria. Ao mesmo em que é feita a menção a inúmeros textos fontes, o leitor é impelido a desvendar, buscar e conhecer as obras referenciadas. Sem dúvida, é estabelecido um jogo intertextual em que o leitor deve assumir seu papel na construção dos sentidos.

A seguir, apresenta-se um quadro elucidativo acerca das várias intertextualidades observadas no arranjo paratextual dos títulos dos capítulos que compõem o livro em foco:

**Quadro intertextual e interpretativo dos capítulos do livro *O professor de português enlouqueceu de vez!***

Intertextos			Interpretações possíveis	
Capítulo	Título como Intertexto	Autoria	Leitor comum	Leitor crítico
			Sentido Explícito	Sentido Implícito
01	<i>UM amor de família</i>	Ziraldo	O grupo de alunos tinha as mesmas más impressões sobre a leitura.	O tom irônico realça que, embora igualados pela aversão à leitura, não havia outra familiaridade entre eles.
<b>Frase-chave:</b> “Não sabíamos nada uns dos outros, mas nos considerávamos um amor de família” (Martins, 2022, p. 11).				

02	<i>DOIS anos de férias</i>	Júlio Verne	Tanto o jogo como as férias promovem a diversão e a surpresa.	A relativização do tempo em atividades prazenteiras como o espaço lúdico e as férias.
<b>Frase-chave:</b> “Uma hora ali dentro era como dois anos de férias!” (Martins, 2022, p. 17).				
03	<i>Era uma vez uns TRÊS</i>	Telma Guimarães	As frustradas tentativas do grupo em decifrar o enigma e acessar a sala seguinte do jogo.	O “era uma vez” parece indicar que, para conseguir a chave-resposta que abriria a porta, precisaria decifrar o enigma usando também outras habilidades como a imaginação, a criatividade e a solidariedade entre o grupo na persistência diante do insucesso.
<b>Frase-chave:</b> “Mas, de algum jeito, tínhamos que começar o jogo” (Martins, 2022, p. 24).				
04	<i>QUATRO estações de pavor</i>	Rosana Rios e Regina Drummond	Cada integrante do grupo se converte num detetive em busca de solucionar as pistas do jogo, mas sem sucesso. A importância de se ter acesso ao livro, pois, a experiência da leitura possibilita o conhecimento. Neste capítulo, apresenta-se o nome da célebre escritora de livros sobre crimes e suspenses da literatura mundial, Agatha Christie.	Os protagonistas são autores de seus desfechos no jogo, mas, para isso, devem ser destemidos, insistentes e observadores. Incita à curiosidade leitora no grupo, por meio de pequenos <i>flashes</i> nos episódios de suspense dos livros citados.
<b>Frase-chave:</b> “Eu do livro não me livro./E nem quero me livrar!/Se do livro eu me livro,/Como livre vou ficar? A.D” (Martins, 2022, p. 27).				
05	<i>CINCO minutos</i>	José de Alencar	A relação do conhecimento de mundo com o saber literário. A experiência de manejar e apreciar os livros. A identificação entre a orfandade do protagonista em <i>David Copperfield</i> , de Charles Dickens e alguns integrantes dos Necas.	O tempo pode ser um aliado e um intruso que muda o destino das pessoas. Nesse aspecto, a ideia é não perder tempo nas tomadas de decisões exigidas pela vida.
<b>Frase-chave:</b> “Nós estamos lidando com um livro. Acho que devemos também prestar mais atenção nos detalhes. Neles deve estar a pista” (Martins, 2022, p. 38).				
06	<i>Éramos SEIS</i>	Maria José Dupré	A felicidade era um novo integrante do grupo, uma vez que eles conseguem acessar a sala do conhecimento. Cada vez mais, os Necas compartilham segredos e dificuldades e vão superando os desafios do jogo.	Surge o questionamento metaficcional do narrador sobre qual utilidade teria alguém escrever uma obra para não ser lida, demonstrando implicitamente a importância da tríade autor, obra e leitor.

				Há uma paródia com a temática de <i>Éramos seis</i> , pois as personagens do livro de Dupré são marcadas pelas mortes de familiares, abandono e tristeza, diferentemente dos Necas que estão radiantes com a nova conquista.
<b>Frase-chave:</b> “Éramos cinco a olhar incrédulos. Mas nos sentimos seis, dez, de tanta felicidade” (Martins, 2022, p. 46).				
07	<i>Branca de Neve e os SETE anões</i>	Irmãos Grimm	Miguel passa a ser o líder que o grupo segue, pois ele se destacava na decifração dos enigmas e na interpretação dos livros no jogo. E ainda Miguel acaba demonstrando extrema sensibilidade literária.	Miguel, embora de pequena estatura, fato que motivava o <i>bullying</i> recebido de Nacho, converte-se num ótimo jogador, cujas habilidades e inteligência faziam todo grupo depender dele para se sagrar vencedor no jogo. Outra interpretação possível é que a pequenez das pessoas está na ausência de leitura.
<b>Frase-chave:</b> “[...] se fôssemos personagens da história de Branca de Neve, ela seria o Miguel e nós, os anões, de tanto que ele era maior que a gente” (Martins, 2022, p. 55).				
08	<i>Meus OITO anos</i>	Casimiro de Abreu	À medida que leem trechos de romances e poemas, eles seguem, em grupo, interpretando episódios e versos, bem como adquirindo novos conhecimentos. Depois de apreenderem conceitos como amor platônico, estabelecem relação com o sentimento de Nacho por Lívia, irmã de Miguel.	Os Necas estavam se tornando leitores em potencial, movidos pela curiosidade e pela busca do conhecimento. A poesia de Casimiro de Abreu destaca o saudosismo do eu-lírico em relação à infância áurea. Contraditoriamente, os protagonistas de Eliana Martins veem na leitura uma aliada para resolver as dificuldades existenciais. E assim constroem um presente de felicidade.
<b>Frase-chave:</b> “Sorria, você está sendo envolvido!” (Martins, 2022, p. 59).				
09	<i>NOVE coisas e-mail que eu odeio em você</i>	Maria Kupstas	O trabalho em conjunto dos Necas na interpretação das pistas, utilizando as habilidades de cada um, surte efeito e eles descobrem as respostas-chave para abrirem a última porta e terem acesso a sala do relaxamento.	Eliana Martins trabalha parodiando a maioria dos livros que cita. Como o livro de Kupstas destaca a ótica da menina e do menino em relação ao que incomoda no namoro, Martins dá ênfase nas aptidões individuais, independentemente do gênero, ressaltando o envolvimento de cada um no trabalho grupal.

				Embora houvesse divergência de personalidade entre os integrantes, eles estão agora muito mais unidos e em sintonia, e as diferenças eram um pequeno detalhe.
<b>Frase-chave:</b> “[...] nenhum de nós pensou em esconder nada uns dos outros. Pelo contrário, éramos uma equipe encarregada de um único trabalho: decifrar aquele anagrama” (Martins, 2022, p.67).				
10	<i>Os DEZ amigos</i>	Ziraldo	Os Necas começam a ficar mais perspicazes e a desconfiar que aquilo era uma “armação organizada”. Na sala do relaxamento, os colegas iniciam uma espécie de terapia em grupo e confidenciam os sentimentos de abandono e inferioridade que enfrentam.	Os trechos das obras presentes no jogo despertam a curiosidade leitora. Percebe-se o poder da literatura curativa quando os Necas, mais relaxados, superam traumas e dificuldades de convivência ao relacionarem os seus contextos com os textos.
<b>Frase-chave:</b> “Que o personagem principal era o Zezé, um menino solitário, <i>like me</i> , que conversava com o pé de laranja-lima” (Martins, fala da personagem Soraia, 2022, p. 79).				
11	<i>ONZE anos depois</i>	Machado de Assis	Miguel compreende que não é necessário ser perfeito, mas sim fazer a diferença. As personagens se lembram e reconhecem que tinham impedido o professor Matos Quela de ensiná-los, mas naquele jogo estavam aprendendo com interesse.	Novamente há a relativização do tempo. Durante as atividades de prazer, tem-se a impressão de que passam muito mais rápido do que momentos de medo e tristeza. A literatura possibilita ao leitor experienciar situações que ainda não viveu, mas poderá.
<b>Frase-chave:</b> “A lei que resolve muitos problemas é a LEI-TURA” (Martins, 2022, p. 86)				
12	<i>Os DOZE trabalhos de Hércules</i>	Monteiro Lobato	O professor Matos Quela é comparado a Hércules diante do papel de ensinar.	O tempo dedicado à leitura é um exercício hercúleo, mas recompensador e mágico.
<b>Frase-chave:</b> “Não havíamos apenas compreendido a importância da leitura e das palavras, mas descoberto o quanto cada um de nós valia” (Martins, 2022, p.94).				

Fonte: Quadro temático realizado pelas autoras do artigo.

Nas duas partes finais do livro, por meio da estratégia do desfecho filmico, surpreendentemente, o leitor descobre que Inácio Flores é o verdadeiro autor da história. Há o emprego da técnica narrativa de *flashforward*<sup>2</sup>, termo em inglês para designar o uso da prolepse. Nesse livro, sua ocorrência se dá quando o narrador-protagonista-escritor

<sup>2</sup> Prolepse ou *flashforward* é um procedimento empregado na narratologia que tem como função antecipar informações ou episódios vindouros, diferentemente, a analepse ou *flashback* cuida da recuperação de lembranças ou episódios anteriores ao momento temporal que a personagem está vivendo (Genette, 1995, p. 38).

quebra a linearidade narrativa, avança para o futuro e dá detalhes sobre a vida atual e as preferências literárias dos velhos amigos.

As diversas citações de escritores e obras compõem visualmente a disposição de uma biblioteca de predileções e horizontes estéticos de que se orienta Eliana Martins. No seu acervo, há espaços tanto para a literatura nascida da oralidade popular, como as lendas e mitos, quanto para os clássicos que conversam bem com a produção literária contemporânea. Para que o leitor possa se inteirar mais sobre as referências e autores citados no livro, Martins elabora um glossário em ordem alfabética, disponibilizado na parte final.

Qual o sentido da organização dessa biblioteca no livro? O interessante é que essa disposição de títulos de obras expõe o interesse de leitura da escritora, que tenta mostrar que o leitor se forma de maneira gradativa, partindo da oralidade de histórias, lendo os clássicos contos de fadas e os livros infantis para depois adentrar no universo da literatura juvenil até chegar em leituras mais complexas destinadas ao público adulto. Contudo, também evidencia o seu exercício crítico em parodiar os argumentos literários dos livros citados, demonstrando que ler e escrever são atividades que se coadunam. Com uma estratégia interessante, Martins se insere no livro, divulgando o próprio nome e as particularidades de sua produção literária. Isso, de certa maneira, fortalece o caráter verossímil da história, uma vez que ela, como autora, existe.

- Quem é essa Eliana Martins, miga? – a Carminha perguntou pra Sô.
- É uma fulana que escreve livros e tem mania de colocar neles desenhos toscos que ela mesma faz. Não se lembra, não, Carminha? Ela já foi na nossa classe
- o Alighieri recordou (Martins, 2022, p. 59).

Trata-se de uma obra que busca elucidar a si mesmo, recorrendo ao discurso metaficcional. Para tanto, o acervo encontrado na biblioteca de Martins é empregado tanto na função paratextual e na inferência metalinguística. É, desse modo, que as relações intertextuais são estabelecidas na história.

Cuidando do primeiro assunto, Gérard Genette (2009) enaltece a relevância do paratexto na composição da obra literária. Ele considera que os componentes paratextuais, que são estrategicamente pensados na edição da obra, são imprescindíveis para uma boa recepção do leitor, além de orientá-lo na interpretação da chave de leitura do texto ficcional.

Em acréscimo à discussão sobre o paratexto, Maitê Alvarado (1994) adverte para a arbitrariedade do seu conceito, visto que corresponde a tudo que está à margem do corpo textual, podendo ser encontrado na forma verbal: os títulos, as notas, glossários, prefácios, posfácios, índices, apêndices e resumos; na linguagem não verbal (signos) e na materialidade do livro, como a capa, a contracapa, as ilustrações, a formatação, o layout, o formato de papel e a sua textura. A multiplicidade do uso paratextual na publicação da obra dificulta a sua determinação. Todo paratexto, portanto, é um recurso da composição literária, podendo interferir na maneira como se lê determinada obra. Por exemplo, um mesmo texto verbal será apresentado em formatos distintos a depender da época e do objetivo da sua (re)publicação.

Os elementos paratextuais, em *O professor de português enlouqueceu de vez!*, como o título dos capítulos, a dedicatória da escritora, a epígrafe de abertura do livro, o glossário de obras e escritores, trazem informações suplementares não somente para facilitar a interpretação da história, mas também incitam a curiosidade do leitor para a leitura posterior desses romances, contos e poemas.

No livro em questão, a dedicatória e a epígrafe colocadas na contracapa funcionam como uma espécie de aforismo, um tipo de máxima que chama a atenção do leitor. Martins se assenhora do discurso de propriedade de escritores renomados como, especialmente, Ruth Rocha, na epígrafe, para enaltecer a importância do ato de ler: “Leitura, antes de mais nada, é estímulo, é exemplo” (Rocha apud Martins, 2022, p. 05). Como se percebe, o ato de ler é apreendido e pode se tornar uma atividade habitual se houver o espelhamento de pessoas leitoras no ambiente familiar e escolar. Uma vez adquirido o gosto pela leitura, cada um constrói a sua jornada, equiparada ao ato de se aventurar, conforme é sugerido na dedicatória da autora: “Para todos aqueles que ainda não sabem que a leitura é sempre uma grande aventura!” (Martins, 2022, p. 02).

Já no que se refere à presença da metaficção, esta se sateliza em torno de questões acerca do que é o livro, quais são as estratégias de uma boa recepção leitora e quanto ao universo da leitura.

A narrativa em discussão traz algumas inferências importantes sobre a formação leitora, numa delas, é que todo leitor sai diferente após o contato com um livro. E toda desistência ou desprezo com a leitura de um objeto literário é uma oportunidade que se retira de alguém se tornar mais humano e sábio: “ – Quem não lê, não pode saber (Martins, 2022, p. 57). Por exemplo, no episódio em que os jovens leem o livro da escritora Agatha Christie, descobre-se que o detetive da escritora se chamava Hercule Poirot e não

Sherlock Holmes, como eles pensavam inicialmente. Essa revelação destaca a importância de se ter acesso ao livro, pois, a experiência da leitura possibilita a expansão dos conhecimentos.

No desenrolar da diegese, aparecem algumas funções da leitura literária: a) desperta o interesse e a curiosidade por meio de episódios enigmáticos e envolventes à medida que desenrola a história; b) promove o entretenimento do leitor; c) possibilita o acesso ao conhecimento e o contato com diversas culturas, sem necessitar se deslocar espacialmente; d) ensina a resolver conflitos existenciais e, conseqüentemente, a viver melhor; e) inquieta sentimentos no leitor; f) desenvolve a criatividade, a sensibilidade e a criticidade. Desse modo, constata-se que, à medida que o grupo de jovens vai gostando de ler, desejosos de permanecer no *game* (e também no jogo da leitura), eles são imersos no mundo mágico dos livros: “podíamos sentir menos pressa de sair do jogo [...] até então tínhamos aprendido e conhecido tantas coisas! Livros, autores, enigmas interessantes” (Martins, 2022, p. 73).

Tiphaine Samoyault destaca que a intertextualidade surge como a reminiscência da literatura, pois esta “se escreve com a lembrança daquilo que é, daquilo que foi” (Samoyault, 2008, p. 47). Nesse sentido, o objeto literário será tecido com a memória e o resgate de textos lidos, (re) escritos sob nova roupagem estética e contextual, cujo novo produto literário faz surgir a presença do intertexto.

Sobre a intertextualidade, Julia Kristeva, a partir da teoria do dialogismo de Mikhail Bakhtin, elabora um conceito mais aprofundado sobre as relações interdependentes entre um texto a partir de outros textos, de outras vozes. Como lembra Fiorin (2003, p.163), para Kristeva, no lugar da ideia de originalidade, destaca-se que há, ao mesmo tempo, a ruptura e a renovação do material anterior, dando origem a novas obras, as quais são releituras e atualizações. Assim, acerca do cruzamento dos textos literários, Kristeva pontua: “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla” (Kristeva, 1974, p. 64).

A intertextualidade é fundamental para o entendimento dos sentidos do texto literário. Na contemporaneidade, especialmente, os intertextos estão bastante evidentes, podendo se dar por meio da paráfrase, paródia ou pastiche, as quais são práticas de apropriação de um texto por outro. E podem ser empregados alguns recursos, como a epígrafe, a citação, a referência, a alusão (Paulino, Walty e Cury, 1997). Nesse sentido,

ao escritor e ao leitor é importante conhecer os intertextos no texto, mas isso somente é possível se houver uma dedicação intensa de leitura. Tiphaine Samoyault ressalta que a identificação de um intertexto “é antes de tudo um efeito da leitura” (Samoyault, 2008, p. 25).

Reconhecer facilmente ou não outros textos em uma produção literária é o que define a intertextualidade. Especificamente, a intertextualidade pode ser conceituada como a relação de um texto com outro anterior, sendo que este é visto como o ponto de partida e é atualizado por aquele. Conforme Jenny: “Fora da intertextualidade, a obra literária seria muito simplesmente incompreensível, tal como a palavra numa língua ainda desconhecida” (Jenny, 1979, p.5).

No livro de Martins, a intertextualidade se apresenta por meio de alusão, referência, citação e paráfrase. No geral, os intertextos, costurados no ficcional, propalam a ideia de que a literatura está conectada com a vida de cada leitor, bem como o contato com o conhecimento gera mais vontade de conhecer. Por exemplo, no instante que o grupo lê um fragmento do poema de Luís de Camões em que aparecem as confidências de um eu-lírico que padece por um amor platônico, os garotos logo estabelecem uma relação com a vida amorosa de Nacho, que nutria uma paixão secreta pela irmã de Miguel.

No enredo, são indicadas várias curiosidades acerca da composição de algumas obras, como o *Manuscrito de Voynich* e de *As Aventuras de Tom Sawyer*, que elevam ainda mais o grau de interesse e curiosidade do grupo de conhecer as histórias contidas em tais obras. Já outros livros tocam intimamente o grupo, transformando a personalidade dos integrantes, como ocorre quando leem frases retiradas de *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, *David Copperfield*, de Charles Dickson, e *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos. Sobre tais aspectos, Antonio Candido considera que a literatura pode operar na mudança de nossa personalidade, inculcando valores e crenças que não são perceptíveis no momento da leitura: “Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa e espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente” (Candido, 1991, p. 05).

No momento em que acessam as frases da produção de Padre Antonio Vieira, os jovens refletem sobre o fazer narrativo: “Ficamos pensando sobre aquilo e concluímos que numa história tudo era possível” (Martins, 2022, p. 53). Dessa maneira, nota-se que as personagens realizam várias descobertas relacionadas ao pessoal, ao universo da leitura e da composição literária.

### Considerações finais

Portanto, os paratextos e a metaficção como intertextualidade são recursos que a narrativa juvenil de Eliana Martins emprega para instar seu leitor à reflexão sobre a leitura como formação e o processo criativo de uma obra literária. A escritora recria a ambiência do jogo como etapas da leitura literária. Mediante o lúdico, as personagens (juntamente com o leitor) imergem na esfera dos livros. Desse modo, Martins demonstra o quanto a leitura requer a participação ativa do leitor, a fim de que este faça suas descobertas e elabore o seu conhecimento, além do divertimento e do prazer estético.

É pela leitura que se faz possível estabelecer relações entre diversos textos, de diferentes contextos culturais. Assim, perpassam nesse discurso literário, a partir dos intertextos no formato de paratextos, citações, alusões, referências e reflexões metaficcionais, inúmeros diálogos com outros textos que requerem e possibilitam ao leitor a ampliação do seu repertório literário e cultural.

### Referências

- ALVARADO, Maite. **Paratexto**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1994.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- EURÍPEDES, 2011. Parrésia. In. SCHULER, Betina. A coragem de ler e escrever na escola brasileira. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 50, 2024, p.1-13. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/225502>. Acesso em: 24 dez. 2024.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2003. v. 2.
- GENETTE, Gérard. **Discurso da Narrativa**. Lisboa: Veja, 1995
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Tradução de Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia/São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: JENNY, Laurent et al. **Intertextualidades**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

- KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LERNER, Delia. A autonomia do leitor: uma análise didática. **Revista Projeto. Revista da Educação**. Porto Alegre, n° 06, maio, 2002.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os Clássicos Universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução: Cecília P. de Souza e Décio Rocha Silva. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- PAULINO, Maria das Graças Rodrigues, WALTY, Ivete Lara Camargos, CURY, Maria Zilda Ferreira. **Intertextualidades: Teoria e Prática**. Belo Horizonte: Editora Lê. 1997.
- PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Tradução de Carlos Vogt. 4 ed. São Paulo: Pontes, 2003.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. **Intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SCHULER, Betina. A coragem de ler e escrever na escola brasileira. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 50, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/225502>. Acesso em: 24 dez. 2024.
- WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Tradução: Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.
- ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

Recebido em: 13/08//2024

Aprovado para publicação em: 19/11/2024